

SIMPÓSIO AT219

SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA VII SIMELP

LETRAMENTO ACADÊMICO E OS MODELOS DE PRODUÇÃO TEXTUAL: UM CAMINHO PARA A COMPREENSÃO DAS PRÁTICAS INSTITUCIONAIS DO MISTÉRIO NO ENSINO SUPERIOR

SANTOS, Paula Aparecida Diniz Gomides Castro
Universidade Federal de Minas Gerais UFMG
contatopaulagomides@gmail.com

Resumo: Os estudos de Lea e Street (1998), problematizaram práticas de leitura e escrita acadêmica e evidenciaram dois modelos predominantes no ensino superior: Modelo de Habilidades e Modelo de Socialização, propondo um terceiro modelo chamado de Modelo de Letramentos Acadêmicos. Apresentamos a perspectiva através de uma breve revisão bibliográfica, após a definição destes modelos e demonstrando, como o campo dos Letramentos Acadêmicos vem se desenvolvendo em nosso país, através das contribuições de autores como (MARINHO, 2010; FIAD, 2011, 2016; FRANCO; CASTANHEIRA, 2016). Diferentemente do que fazem crer os dois modelos supracitados, as práticas letradas estão ligadas a aspectos mais amplos que a mera aquisição das habilidades necessárias para a realização das produções ou a socialização entre os agentes de ensino. Visto como uma prática social, o Letramento Acadêmico envolve relações de poder, identitárias, sociais, demandas institucionais e uma gama de fatores que são diretamente influenciados pelos contextos nos quais estudantes e professores transitam. As Práticas Institucionais do Mistério (LILLIS, 1999) nos fazem compreender que, ao serem inseridos no ensino superior, os estudantes não são suficientemente preparados para atenderem de forma satisfatória, como creem as instituições, aos gêneros e práticas que delas derivam. Não sendo claras as regras, discursos que evidenciam as características deficitárias dos estudantes são inflamados, sendo responsáveis pela culpabilização do aluno acerca do que lhe é implícito. Acreditamos que o conhecimento acerca da perspectiva a ser apresentada pode fornecer subsídios para que lidemos melhor com as expectativas institucionais, bem como, com as demandas de nossos estudantes.

Palavras-chave: Letramento Acadêmico; Práticas Institucionais do Mistério; Modelos de Produção Textual; Ensino Superior; Produção Escrita.

Abstract: The studies of Lea and Street (1998), problematized practices of academic reading and writing and highlighted two predominant models in higher education: Model of Skills and Model of Socialization, proposing a third model called the Model of Academic Literacy. We present the perspective through a brief review of the literature, after the definition of these models and demonstrating how the field of Academic

Literacy has been developing in our country, through the contributions of authors such as (MARINHO, 2010; FIAD, 2011, 2016; FRANCO; CASTANHEIRA, 2016). Differently from what is believed by the two models mentioned above, the literacy practices are linked to broader aspects than the mere acquisition of the necessary skills to perform the productions or the socialization among the teaching agents. Seen as a social practice, Academic Literacy involves relationships of power, identity, social, institutional demands and a range of factors that are directly influenced by the contexts in which students and teachers transit. The Institutional Practices of the Mystery (LILLIS, 1999) make us understand that, when students are inserted into higher education, they are not sufficiently prepared to attend satisfactorily, as the institutions believe, to the genders and practices that derive from them. Since the rules are not clear, speeches that show the deficient characteristics of students are inflamed, being responsible for blaming the student for what is implicit in them. We believe that the knowledge about the perspective to be presented can provide subsidies for us to better deal with institutional expectations, as well as with the demands of our students.

Keywords: Academic Literacy; Institutional Practices of Mystery; Models of Textual Production; Higher Education; Written Production.

Introdução

O Letramento Acadêmico surge em um contexto de quebra de paradigmas, influenciado pelos Novos Estudos do Letramento que provocaram uma mudança nas análises dos estudos do campo, deslocando-se dos aspectos cognitivos dos sujeitos para os contextos nos quais eles estão inseridos. Desta forma, o letramento seria influenciado, pelas práticas sociais que ocorrem em diferentes contextos, situando-se historicamente e se modificando ao longo do tempo. Por sua vez, o letramento também é influenciado por relações de poder que, através de tensões, buscam estabelecer tipos de letramento mais valorizados que outros socialmente (BARTON; HAMILTON, 1998).

Nesta acepção, os estudos acerca do Letramento Acadêmico surgem no Reino Unido com Lea e Street (1998) em um cenário de expansão do ensino superior que foi se estendendo para vários países. Inserindo, assim, diferentes sujeitos, provenientes de classes menos favorecidas, ou de outros países, até então, sem acesso à academia. A inserção de diferentes sujeitos, muitas vezes, desafinados em relação às demandas universitárias, ocasionou

discursos quanto aos déficits e dificuldades no atendimento à essas demandas, responsabilizando-os por essas dificuldades.

Lea e Street (1998) realizaram um estudo de abordagem etnográfica visando compreender os motivos pelos quais os alunos eram considerados deficitários pelos discursos institucionais. Através de entrevistas com professores e alunos de duas universidades do Reino Unido, os pesquisadores encontraram uma diferença na expectativa entre ambos em relação às produções escritas demandadas aos estudantes. Apesar da crença em uma certa transferibilidade contextual da escrita, ficou evidente que a produção dos gêneros que circulam na academia era vista de formas diferentes entre professores, disciplinas e cursos nas instituições.

Os dados coletados destas entrevistas reforçaram as opiniões expressas pelos alunos de que muitas das dificuldades com a escrita, por eles vivenciadas surgiram das exigências contraditórias e contrastantes para escrever em diferentes cursos e do fato de que esses requisitos eram frequentemente deixados de lado, implícitos. O pessoal de apoio à aprendizagem também questionou se o pessoal acadêmico estava ciente de que pediam formas específicas de escrever o conhecimento para seus alunos (LEA; STREET, 1998, p. 162, tradução nossa).

Além disso, os feedbacks dos professores foram analisados, demonstrando critérios avaliativos destoantes entre as disciplinas que demandaram tais textos. Mais que sugestões para um aprimoramento das escritas dos estudantes, os feedbacks foram considerados como marcadores de diferença e autoridade dos professores, sendo de difícil assimilação para os alunos autores. Apesar de se falar muito acerca do plágio, como não o cometer era uma questão desconhecida pelos estudantes que eram levados a considerar que textos autorais seriam inúteis ou desinteressantes para os campos de pesquisa nos quais eles estariam inseridos.

No Brasil, diferentemente do Reino Unido, a expansão do acesso às universidades ocorreu mais tardiamente, com o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI iniciado em 2007. Pesquisas desenvolvidas em nosso país por estudiosos como (MARINHO, 2010; FIAD,

2011, 2016; FRANCO; CASTANHEIRA, 2016) apontam que parece haver um desnível entre o ensino médio e o ensino superior, uma vez que os estudantes adentram no contexto universitário sem serem ou estarem suficientemente esclarecidos acerca das regras e gêneros demandados. Neste trabalho discorreremos sobre o Letramento Acadêmico, como uma forma de apresentação da perspectiva, refletindo acerca de conceitos como discurso do déficit e Práticas Institucionais do Mistério e suas implicações.

1. O Letramento Acadêmico

Lea e Street (1998) identificaram dois modelos de estudo predominantes em duas universidades do Reino Unido: o Modelo de Habilidades de Estudo (*study skills*) e o Modelo de Socialização Acadêmica (*academic socialisation*). Brevemente, o Modelo de Habilidades faz crer que as competências para o aprendizado seriam individuais, as habilidades são convertidas em diferentes contextos, uma vez que, focam-se prioritariamente em aspectos formais da língua. Por sua vez, o Modelo de Socialização Acadêmica considera a presença de gêneros diferentes no ambiente acadêmico, porém, reforça que o aprendizado virá da enculturação, sendo função do professor a inserção do aluno nesse novo contexto.

Como uma alternativa aos modelos anteriores, o Modelo de Letramentos Acadêmicos é proposto por Lea e Street (1998). Eles não tencionaram, com isso, negar os modelos anteriores, mas sim, evidenciar um cenário em que se considere que a leitura e a escrita que se dão em diferentes contextos sociais são diretamente influenciadas pela identidade dos sujeitos e relações de poder. As identidades dos estudantes não são homogêneas e suas produções são influenciadas por aspectos que perpassam o ambiente acadêmico, situadas em contextos sociais mais amplos.

Mas, quando tratamos do ambiente acadêmico ou universitário, estamos considerando que esse é um ambiente marcado por determinados comportamentos e escritas específicos que são demandados e nem sempre se encontram explicitados. O não atendimento às demandas dos professores

ocasiona em crenças sobre as dificuldades dos alunos para essas produções. “O comum é afirmarem sempre que “têm dificuldade, que não sabem ler e escrever”, reforçando uma atitude autodiscriminatória, já que deveriam saber, mas não sabem” (MARINHO, 2010, p. 371).

2. Práticas Institucionais do Mistério que ocasionam e os Discursos de Déficit, a culpa é do aluno?

Quando o Letramento Acadêmico não é compreendido, em algum aspecto por estudantes e, conseqüentemente não se corresponde às expectativas das instituições ou professores, há a ocorrência do que Lillis (1999) chama das “Práticas Institucionais do Mistério”. A pesquisa com 10 ingressos no ensino superior do Reino Unido, situados em grupos geralmente excluídos deste ambiente (estudantes negros, trabalhadores, com idades entre 20 a 50 anos, falantes de outros idiomas e constituindo, na maioria dos casos, a primeira geração a entrar na universidade) mostra que tais práticas correspondem à normas dominantes esperadas, mas não suficientemente explicitadas. Elas são uma consequência da consideração de que a escrita é uma prática autônoma (FRANCO E CASTANHEIRA, 2016).

Um exemplo é requisitar a escrita de um texto ensaístico, considerando que o aluno é capaz de realizar essa escrita, unicamente porque ele se encontra em uma universidade. Sendo assim, pelo fato apenas de que esse estudante realizou, a exemplo do contexto brasileiro, o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM e, provavelmente adquiriu uma nota satisfatória na prova dissertativa, acredita-se que ele seja capaz de escrever qualquer gênero. Porém, quando não estão claras as normas a serem consideradas na escrita dos gêneros acadêmicos (muito provavelmente não conhecidos antes da entrada no ensino superior), ansiar sucesso apenas pela suposição do suficiente domínio das regras gramaticais que possibilitam (em parte) a escrita é corroborar para que essas normas se mantenham como um mistério a ser desvendado (FIAD, 2011).

Entendemos que as “práticas institucionais do mistério” colaboram para o fomento dos “discursos do déficit” (LILLIS, 1999), comuns no ambiente

acadêmico e que responsabilizam aos alunos por seus insucessos, já que, como Fiad (2016) aponta abaixo, a academia espera receber alunos aptos e autossuficientes na escrita dos diferentes gêneros. Por isso, o modelo proposto por Lea e Street (1998) viria buscar uma maior compreensão da “natureza da produção textual do aluno em relação às práticas institucionais, relações de poder e identidade; em resumo, consegue contemplar a complexidade da construção de sentidos, ao contrário dos outros dois modelos” (STREET, 2010, p. 546).

No caso do contexto acadêmico compartilhar do discurso do déficit significa ver as escritas que não correspondem ao que é esperado pelos professores como reflexo da incapacidade dos estudantes em escreverem, justamente porque a expectativa existente é a de que, uma vez que esses estudantes já frequentaram doze anos de escola, deveriam estar aptos a escreverem o que quer que lhes seja solicitado ou cobrado (FIAD, 2016, p. 210).

Um caminho para que o “discurso do déficit” seja evitado é a explicitação das normas que regem o ambiente acadêmico aos estudantes, desvelando o que Street (2010) chama de “dimensões escondidas” na escrita dos textos que emanam deste ambiente. Assim sendo, os quesitos que norteiam as avaliações das produções dos alunos estariam mais claros, diminuindo, nesta esfera, a quebra de expectativa que ocorre entre o que o professor espera e o que o aluno efetivamente apresenta (LEA; STREET, 1998; STREET, 2010). A seguir, apresentamos nossas considerações preliminares acerca da supracitada exposição, visando sugerir caminhos relevantes para as práticas de leitura e escrita acadêmica em nosso país.

3. Proposições Finais

Os estudos apontados indicam que, diferentemente dos outros modelos evidenciados por Lea e Street (1998), o Letramento Acadêmico faz considerar a pluralidade de gêneros que transitam no contexto acadêmico, cuja inserção é mais complexa e considera a produção de significados e relações de poder. Não basta que feedbacks sejam realizados por professores, se a fonte destes

pensamentos ou sugestões permanecem implícitas. Enquanto isso ocorre, a própria escrita permanecerá como um “jogo de adivinhação” misterioso, conforme demonstra Lillis (1999).

Lea e Street (1998) concluem que as escritas dos estudantes situam-se em três categorias temáticas que orientam a forma como elas são analisadas pelos professores, quais sejam: a percepção da falta de proficiência do aluno no que se refere à escrita acadêmica, fazendo crer que os conhecimentos necessários ainda não foram suficientemente transferidos; problemas na interação entre alunos e professores que não levam em consideração questões como autoria e identidade no processo de escrita; e a forma como as instituições avaliam as produções e estabelecem regras para que elas ocorram.

Para os autores, essas três dimensões devem ser consideradas e problematizadas para que as produções acadêmicas sejam entendidas com maior profundidade, na busca pela formação do aluno-pesquisador que se constitui a partir da mediação e da construção dos conhecimentos e não da mera transmissão e aquisição de competências básicas para tal. Lillis (1999) mostra que é preciso mais que oferecer acesso físico aos espaços universitários, uma vez que, estudantes que não apresentam traços da cultura dominante, seguida pelas instituições, tendem a permanecer marginalizados, apesar da aparente inserção. Para tanto, é necessário que o conceito de acesso seja repensado para abranger também estudantes *outsiders* se realmente tencionarmos continuar defendendo a expansão do acesso ao ensino superior.

Neste interim, compreendemos que uma abordagem mais aprofundada acerca das escritas, considerando a construção de um letramento acadêmico que evidencie as relações de poder envolvidas em diferentes dimensões, e clarificando as expectativas acerca do *modus operandi* de professores e instituições, possa beneficiar a apropriação, resignificação e constituição de futuros pesquisadores. No Brasil, ações que busquem a construção de sentido acerca de produções, debates sobre divulgação científica em periódicos mais

conceituados ou internacionais, estão abrindo espaço para uma maior compreensão de si e das diferentes funções que as pesquisas podem assumir.

Referências

BARTON, David; HAMILTON, Mary. *Local Literacies. Reading and Writing in one Community*. London/New York: Routledge, 1998.

FIAD, Raquel Salek. A Escrita na Universidade. **Revista da ABRALIN**, v. 10, n. 04, pp. 357-369. 2ª parte. 2011. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/32436/20585>. Acesso em: 03 nov. 2017.

FIAD, Raquel Salek. Uma prática de letramento sob análise. In: FIAD, Raquel Salek. **Letramentos Acadêmicos: contextos, práticas e percepções**. 1. ed. São Carlos: Pedro e João Editores. pp. 201-222. 2016.

FRANCO, Raquel Aparecida Soares Reis; CASTANHEIRA, Maria Lúcia. Práticas de Letramento Acadêmico no Facebook. **Ilha Desterro**. Florianópolis, v. 69, n. 3, pp. 13-28, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80262016000300013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13 jun. 2018.

LEA, Mary R.; STREET, Brian V. *Student Writing in higher education: an academic literacies approach*. **Studies in Higher Education**. London, v. 23, n. 2, p. 157-16, June, 1998.

LILLIS, Theresa. Whose common sense? Essayist literacy and the institutional practice of mystery. In: JONES, C; TURNER, J & STREET, B. (Eds.). **Student writing in university: cultural and epistemological issues**. Amsterdam: John Benjamins. pp. 127-147, 1999.

MARINHO, Marildes. A Escrita nas Práticas de Letramento Acadêmico. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 10, n. 2, 2010, pp. 363-386. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982010000200005. Acesso em: 28 out. 2017.

STREET, Brian V. Dimensões “Escondidas” na Escrita de Artigos Acadêmicos. Tradução de Armando Silvério e Colaborações de Adriana Fischer. **Perspectiva**. Florianópolis, v. 28, n. 2, pp. 541-567. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/2175-795X.2010v28n2p541/18448>. Acesso em: 13 nov. 2017.